

VISÃO DO CORREIO

IA: entre o otimismo e a regulamentação

O avanço impressionante da inteligência artificial (IA) escancarou a inércia regulatória global. O uso de sistemas de IA alcançou 53% da população global em meros três anos, uma velocidade de adoção que supera com folga marcos históricos, como a disseminação do computador pessoal e da própria internet.

Os dados mais recentes do "AI Index Report", da Universidade de Stanford, revelam que a esperança acompanha essa marcha acelerada. O otimismo em relação à tecnologia subiu para 59% em 2025, com o Brasil despontando entre os mais entusiasmados na aposta de novos empregos, registrando 61%.

O problema central, contudo, é que essa empolgação popular esbarra na concretude dos fatos. Até o momento, as ferramentas evoluem em velocidade vertiginosa e concentram lucros, enquanto as prometidas melhorias práticas no cotidiano, na redução do custo de vida e na carga de trabalho, além do aumento na segurança da sociedade, permanecem como miragens distantes.

O alerta de que estamos trilhando um caminho perigoso vem do próprio epicentro da inovação. Nos Estados Unidos, país que concentra os maiores investimentos privados no setor, o pessimismo popular dita a regra. Apenas 17% dos americanos acreditam que a inteligência artificial trará impactos positivos para os trabalhadores. Mais grave é a fratura exposta entre criadores e consumidores: enquanto 73% dos especialistas afirmam que o trabalho será aprimorado, escassos 23% do público concordam com a premissa.

O mesmo abismo se reflete na saúde. Esse ceticismo contamina a confiança institucional, com apenas 31% dos cidadãos acreditando na capacidade de Washington de

impor limites às big techs. Essa abstenção regulatória americana reverbera globalmente, impondo um padrão de leniência que atinge de forma implacável as economias em desenvolvimento.

Neste exato momento, enquanto o mundo se distrai com as novidades de cada nova versão de software, a inação dos governos pavimenta um terreno conhecido. Há pouco tempo, a sociedade foi seduzida pelo discurso de modernidade e eficiência da gig economy. Na ocasião, a ausência de regras prévias e a lentidão do poder público resultaram em uma "uberização" generalizada que desestruturou setores econômicos inteiros sob o pretexto da flexibilidade.

Permitir que o mesmo roteiro de omissão se repita com a inteligência artificial — cujo potencial de disrupção afeta todos os estratos produtivos da sociedade — não é apenas um erro administrativo, mas uma escolha consciente pela insegurança jurídica.

O tempo útil para estabelecer um cerco civilizatório à tecnologia está em contagem regressiva. O pragmatismo exige ação imediata; não há espaço para celebrar fóruns teóricos ou promessas voluntárias de autorregulamentação formuladas por quem lucra com a ausência de regras. A urgência reside em criar legislações firmes que protejam a sociedade e estruturam o mercado de trabalho antes que o dano se torne sistêmico e irreversível. Se as instituições mantiverem a atual letargia, limitando-se a correr atrás do prejuízo quando as estruturas já estiverem esfaceladas, o choque de realidade será severo. O preço dessa negligência será cobrado, invariavelmente, da população — a mesma que hoje ainda espera que os algoritmos lhes entreguem um futuro melhor.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

Copa do desinteresse: será?

Faltam 48 dias para a abertura de um dos eventos mais aguardados do planeta, mas o clima no Brasil está longe da euforia que, por décadas, antecedeu cada Copa do Mundo. Em vez da contagem regressiva movida por expectativa, o noticiário recente combina lesões em série de atletas importantes e um desinteresse crescente do público. A fotografia do momento sugere desgaste. A história, porém, recomenda cautela antes de decretar indiferença definitiva.

Nesta semana, discussões táticas ou favoritismo ficaram de lado para dar vez às notícias sobre o departamento médico. O ponta Estêvão, uma das maiores promessas brasileiras, sofreu ruptura praticamente completa do músculo da coxa e corre sério risco de perder o torneio. Éder Militão também preocupa. No exterior, nomes relevantes igualmente caíram pelo caminho, como o alemão Gnabry, astro do Bayern. Lamine Yamal, outro candidato a protagonista, também entrou na lista de apreensões. Em um calendário cada vez mais congestionado, o corpo do atleta virou fronteira de risco permanente.

O futebol moderno cobra caro. Clubes exigem rendimento máximo o ano inteiro. Seleções disputam datas espalhadas pelo calendário. Competições comerciais se multiplicam. O resultado é previsível: jogadores chegam ao principal torneio do mundo exaustos, lesionados ou no limite físico. A Copa segue como o ápice do esporte, mas não encontra seus protagonistas em plenitude com a frequência de outros tempos.

Ao mesmo tempo, chama atenção o distanciamento do torcedor brasileiro. Divulgada nesta semana, pesquisa Datafolha mostra que 54% dos entrevistados dizem não ter interesse em assistir aos jogos do Mundial dos EUA, México e Canadá. É o maior percentual da série histórica iniciada em 1994. Antes da Copa da Rússia, o índice era de 53%. Às vésperas do Catar, 51%. O desinteresse é ainda maior entre as mulheres, com 62%, contra 46% entre

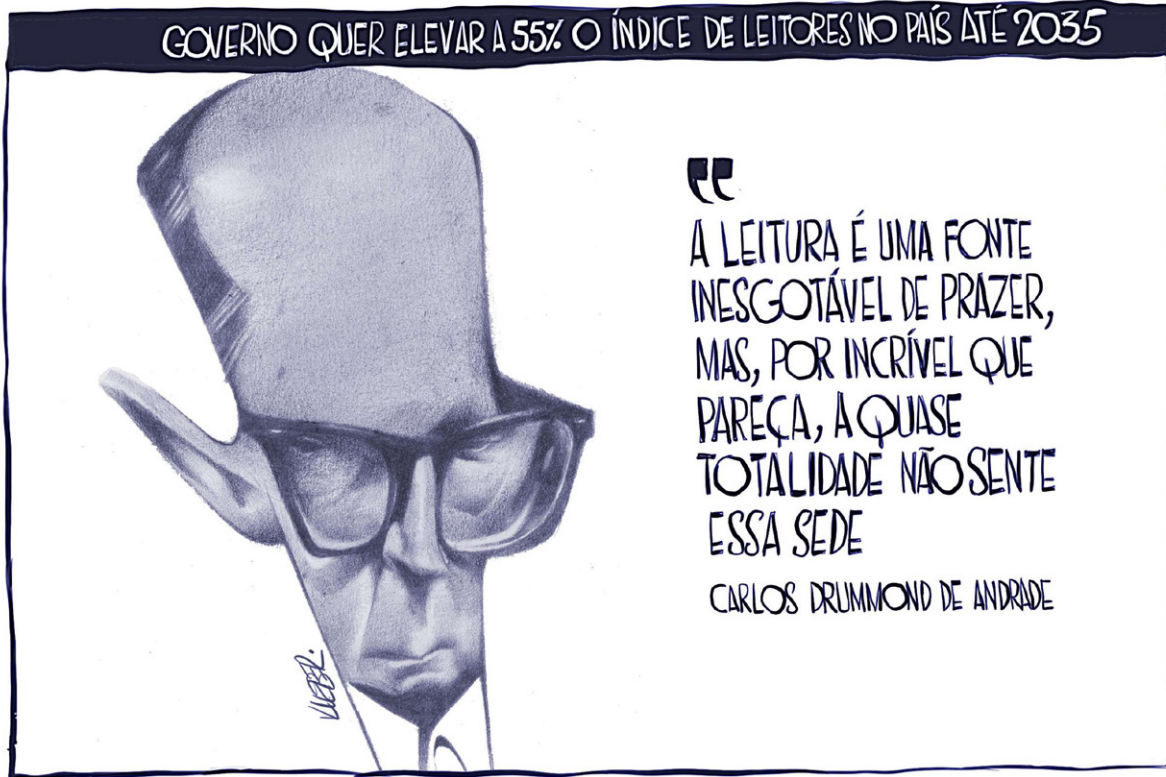
os homens. Além disso, três em cada 10 afirmam que não pretendem assistir às partidas.

As razões são múltiplas. O Brasil não conquistou uma Copa há 24 anos. Há uma geração inteira que nunca viveu a experiência de ver a Seleção campeã. No intervalo, acumulam-se frustrações marcantes: o 7 a 1 diante da Alemanha, eliminações dolorosas para Croácia e Bélgica, enquanto a maior rival, a Argentina, voltou a disputar final e ergueu a taça. O mito da nossa superioridade natural se dissolveu.

Também pesa o afastamento institucional entre Seleção e povo. Durante anos, a cartolagem preferiu amistosos em mercados distantes, como Arábia Saudita, China e Japão, em vez de aproximar o time do torcedor em solo nacional. Soma-se a isso a ausência de um ídolo incontestável. Neymar jamais correspondeu integralmente à expectativa depositada sobre ele em Copas anteriores. O país produz excelentes jogadores, mas ainda busca um rosto capaz de sintetizar esperança coletiva, como Romário em 1994 ou Ronaldo em 2002.

O próprio futebol doméstico enfrenta sinais de fadiga. Arbitragens contestadas, polêmicas recorrentes e sensação de critérios desiguais corroem a confiança do público. Com as redes sociais, a outrora paixão nacional tornou-se mais crítica, mais desconfiada e menos automática.

Ainda assim, convém relativizar o aparente esfriamento. O brasileiro costuma reencontrar a Copa quando a bola rola. Em 2014, muitos repetiam que não haveria ambiente para o torneio aqui no Brasil. Houve, e com mobilização gigantesca. A Copa tem um poder raro de reorganizar emoções coletivas, suspender rotinas e recolocar o futebol no centro da conversa nacional. Quando começa, daqui a um mês e meio, o país provavelmente lembrará por que esse torneio ocupa lugar tão singular em nossa memória. O interesse pode até adormecer, mas dificilmente desaparecerá.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Erro crasso na BR-020

A incompetência do GDF, do DER e do Dnit é impressionante. Quem mora na região norte do DF e dirige seu veículo comete um erro crasso ao dirigir na BR-020. Da ponte do Córrego Sobradinho até o viaduto do Colorado, 90% dos condutores trafegam pela faixa da esquerda. Motivo: são a buraqueira e os remendos que mais parecem crateras na Lua. As empreiteiras devem contratar, suponha, por quilômetro o remendo, mas só fazem um remendo aqui e outro ali, em vez de trocar a buraqueira por uma faixa de asfalto novo. Pagamos caro e já fui multado porque tive de passar pela faixa da direita, pois, mesmo dando sinal para mudarem de faixa, não mudam. E os sacolejos e os desgastes do embuchamento do veículo? Será que o Ministério Público fiscaliza essas indecências?

» **José Monte Aragão**

Sobradinho

Judiciário e escravidão

Quanta falta de sensibilidade, cinismo e falta de empatia tem essa senhora Eva do Amaral Coelho, desembargadora do Tribunal de Justiça do Estado do Pará! Vejamos essa declaração dela: "Nós não temos direito mais a auxílio-alimentação nem a uma gratificação por direção de Foro. Enfim, daqui a pouco a gente vai estar no rol daqueles funcionários que trabalham em regime de escravidão. Pasmem, essa declaração foi feita contra o novo salário-teto do Judiciário, que é o teto de R\$ 46 mil, que recebe um ministro do STF, acrescidos de 35%, perfazendo R\$ 78 mil. Notem que essa senhora recebeu como salário bruto, no mês de março, a quantia de R\$ 117.863,72, sobrando líquido R\$ 91.211,82, conforme dados do Portal de Transparência. É muita falta de simancol! Tenho uma sugestão: "Doutora, renuncie ao seu cargo (sem aposentadoria integral), monte uma barraquinha na Avenida Nazaré, em Belém, e vá vender tacacá e açaí. Talvez, assim, a senhora não se sinta trabalhando como uma escrava.

» **Paulo Molina Prates**

Asa Norte

Respeito aos aposentados

Os aposentados pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) logo estarão passando fome. A gente trabalha por 30 anos ou mais e, agora, o nosso reajuste fica abaixo do reajuste do salário mínimo. Justamente quando já estamos idosos, adoentados, precisando pagar alguém para nos auxiliar, sem condições de trabalhar para aumentar a renda, o governo vem com esse descalabro. Nós, os aposentados, merecemos mais respeito!

» **Leda Baião**

Brasília

Delação e reparação

A contratação de um especialista em delação por quem ocupou o topo do BRB é o reconhecimento de que a rede de silêncio ruiu. Quando isso acontece, o país espera reparação, clareza e uma chance de entender como decisões tomadas nas sombras, em gabinetes confortáveis, afetaram a vida de milhões que nunca tiveram esse luxo.

» **Paccelli M. Zahler**

Sudoeste

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Governo anuncia redução do Pis/Cofins sobre a gasolina. Se não fiscalizar se realmente irão abaixar os valores nas bombas, será só mais uma alavanca para a máfia dos combustíveis faturar!

Marcos Vasconcellos — Brasília

Aneel autoriza reajuste de até 15% na conta de luz em nove estados, mas o presidente jura que o problema do endividamento são as bets.

Waldomiro Rosa — Brasília

É simples acabar com a escala 6 X 1: bastam farmácias, supermercados, shoppings, postos de gasolina etc. fecharem aos sábados e aos domingos. Que tal? É o fique em casa versão 2.0

Douglas Santos — Brasília

Imagine se todo presidiário quisesse fazer acordo ou simular doença para enganar a Justiça brasileira. É melhor colocarem hotéis cinco estrelas. E quem paga tudo isso é o povo

Aramy Silva — Brasília

Caso Master/BRB: Por precaução, é melhor o Ibaneis preparar uma malinha com itens pessoais.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Escala 6 X 1

O fim da escala 6 X 1 é mais tempo também para o consumo. A folga adicional — dois dias consecutivos — pode, de fato, permitir que o funcionário tenha mais tempo para atividades de lazer, serviço e compras, potencialmente aumentando o varejo local. Há também efeito em retenção e produtividade: empresas que adotam a escala 5X2 relatam aumento na retenção de funcionários, redução na rotatividade e melhoria no clima de trabalho, o que pode reduzir custos de contratação e treinamento. Pode ser aumento de produtividade, pois a melhoria no bem-estar e o descanso podem aumentar a eficiência do colaborador durante o expediente.

» **Grazielle Freitas Alcântara**

Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

*"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara"*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

| Localidade | SEG/SÁB | DOM | ASSINATURAS* |
|--|----------|----------|------------------------------|
| | | | SEG a DOM R\$ 1.187,88 |
| DF/GO | R\$ 5,00 | R\$ 7,00 | 360 EDIÇÕES (promocional) |
| Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp | | | |
| *Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empreito terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ. | | | |
| Anúncio Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp | | | |

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br